

O Tofu e o Amor

Mitos de Origem e a pós-modernidade

Pedro Lapa
Universidade de Aveiro e Universidade do Minho

Breve apresentação de como a alimentação é epistemologicamente abordada por etnólogos, antropólogos e sociólogos nos alicerces das culturas europeias, na fundação dos estados-nações e regiões até à contemporaneidade.

O alimento tem assumido ao longo dos tempos um papel fundamental na história da humanidade, foi a forma como este era obtido que originou a primeira revolução. a Revolução Neolítica em que o Homo sapiens passou de caçador-recolector nómada para sedentário com a utilização da agricultura e a criação de animais. Esta nova capacidade histórica exigiu profundas alterações na vida social: passou ao sedentarismo e assim surgiu as iniciais formas de exploração do Ser Humano pelo seu semelhante.

A segmentação da sociedade em classes sociais motivou a manifestação de processos organizativos dos papéis sociais: como as classes sociais, o Estado, o comércio, a escrita, o desenvolvimento técnico e a criação de riquezas, a religiosidade, que levaram ao aparecimento das primeiras Civilizações e no Ocidente, colocou o género humano no processo histórico que conduziu, com avanços e recuos, ao capitalismo de nossos dias.

Devemos considerar que os costumes alimentares de uma cultura foi estabelecido inicialmente pela disposição regional de alimentos e, posteriormente, através de contactos entre diferentes povos, houve a produção de novos produtos, ampliando as possibilidades alimentares (cf. Garcia 1995: 231-244)

A alimentação assume especial relevo para se observar os caminhos das diversas sociedades, estando também, ao longo da história relacionada com as diferentes modificações culturais, sócias, económicas e políticas. Tornando-se um descritor por excelência na análise de algumas interrogações em que se baseia a condição humana, como a questão das identidades.

Através das interdições criadas pela nutrição, é a Ciência que tem, quase em exclusivo, definido as regras e os valores em relação à comida na nossa sociedade, associando-lhe ainda outro tipo de impedimentos presentes no acto de comer: religiosos, ideológicos, étnicos. Das diversas teorias ou correntes de pensamento, duas explicações se destacam na antropologia para os tabus alimentares: uma de sentido mais pragmático e outra que tem como enfoque os impedimentos de ter alguns alimentos à mesa como operações simbólicas.

Na contemporaneidade observam-se redimensionamentos marcados pela globalização com reflexos tanto na alimentação como no que respeita às identidades. É nesta perspectiva que o alimento assume um eixo fundamental na estruturação identitária dos diversos povos e sofre um processo de reconfiguração, sendo que as representações sociais em torno de um mesmo alimento podem variar a partir dos valores de cada sociedade ou grupo social. O exemplo dessa variação cultural pode ser assinalado em relação à carne. Se para os vegetarianos ela é um alimento que deve ser evitado, principalmente por razões ideológicas, o sacrifício e a morte de animais, para as classes mais pobres, uma característica patente do aumento do rendimento e um sinónimo de ascensão social é o incremento do consumo de proteína animal.

A disponibilidade de determinados alimentos e os modos de preparação deixam de ser exclusivos de um só local, região ou país e o intercâmbio de sistemas alimentares passam a constituir dinâmicas análoga às das identidades, ambos sofrem mutações tratando-se de processos complexos, híbridos e construídos.

Assim, fruto da globalização, surgem no Ocidente produtos oriundos de outros locais, como o caso do tofu, um alimento produzido a partir da soja, originário da China, que nutricionalmente tem um conteúdo proteico muito rico sendo por isso usado como substituto da carne por vegetarianos.

A alimentação tem também a característica importante de ser um meio de comunicação de valores, sentidos e identidades. Não está exclusivamente ligada aos nutrientes que dela advêm como adopta uma configuração social, religiosa e simbólica.

Observando o paradoxo do “sentimento trágico da existência” (Tomas 1900: 26), para qual a morte (do animal/comida) é o verdadeiro preço a pagar pelo usufruto da vida. “A

morte como preço não induz, desde logo, nada de mortífero e o equilíbrio natural é, a todo momento restaurado” (Maffesoli 2002: 116). Enquanto que a “equação entre a natureza humana e animal é rude e moralista” (Chopra 2005: 133).

De uma forma implícita, nas culturas mediterrânicas, e em particular Portugal, a partilha de alimento é valorizado como transmissão de afecto ou de amor. Ilustrado na presença de comida nas ofertas pagãs, na ‘ultima ceia’ Judaico-Cristã, ou simplesmente quando se recebe um familiar ou amigo.

O vegetarianismo teve origem na Antiguidade, embora o nascimento de uma sensibilidade em relação aos animais, que condena o consumo de animais por motivos morais ou solidários, é recente na história da humanidade tendo início formal no século XIX na Europa. Desde a obra-prima *Metamorfose* de Ovídio que inúmeros autores e pensadores têm vindo a criticar e questionar consumo de carne.

Reflexo da globalização, é nos últimos anos que em Portugal se efectua a propagação do vegetarianismo. Surgindo então movimentos identitários assentes no amor por todos os seres vivos e que apresentam como eixo estruturante motivos de saúde, fisiologia, ecologia, política, científica, filosófica, artística, pedagógica, social, económica e ética para o não consumo de animais, e conseqüentemente a sua exploração e morte. Expressando a dimensão e a importância desta matriz surge em 2011 o PAN, um novo partido político com uma visão holística da vida, defendendo que o ser humano é responsável pelo equilíbrio ecológico do planeta e pelo direito de todos os seres vivos à vida e ao bem-estar.

As novas tribos do mundo pós-moderno conduzem o Ser Humano à transcendência, passando pelo “Diz-me o que comes, eu te direi quem és” (Brillat-Savarin 1825), ao paradigma de uma nova forma de harmonia e amor, existindo então a “transformação do sujeito em objecto o todos: nós-mundo” (Serres 2006: 125).

Surge um novo paradigma, com uma nova atitude perante a realidade, novos valores e símbolos. O Tofu, como alimento é uma metamorfose mental que exprime o amor: o amor-próprio e pelos seres vivos, humanos ou não humanos.

Referências

Brillat-Savarin, Jean-Anthelme, (1825): *La Physiologie du Goût*. Paris. Libraire-Editeur.

Chopra, Deepak, (2005): *A paz é o caminho*. Lisboa. Sinais de Fogo.

Diez-Garcia, R. W., (1995). “Notas sobre a origem da culinária: uma abordagem evolutiva.” in *Revista de Nutrição da PUCCAMP*, Campinas, n. 2, v. 8, p. 231-244.

Maffesolli, Michel, (2002): *Entre o Bem e o Mal*. Lisboa. Instituto Piaget.

Serres, Michel, (2006): *A grande narrativa do Humanismo*, Lisboa. Instituto Piaget.

Tomas, Louis-Vincent, (1982): *La Mort africaine: idéologie funéraire en Afrique noire*. Paris. Payot.